

ANTERO DE QUENTAL

QUISERA acrescentar aqui algumas palavras às notícias que publiquei em *O Comércio do Porto*, de 19 de Abril de 1929, e no *Diário de Notícias* de 18 do mesmo mês e ano, a respeito das traduções das poesias de Antero de Quental, e dos comentários que a elas fizeram os tradutores Vergílio Rossel (suíço-francês) e S. Griswold Morley (norte-americano).

Falando dos cinco poemas quentalianos a que Oliveira Martins chamou *tétricos*, ou *lúgubres*, e por êste publicados no fim da sua Introdução aos *Sonetos*, o sr. Griswold Morley classifica-os de *magníficos* (*magnificent*), e diz que lhe apetecia chamar-lhes *gorgeous*, adjectivo inglês que poderá talvez verter-se por *soberbos*, e que é em todo o caso um superlativo do superlativo *magnificent*, como se vê do texto inglês, e como por si basta para lhe definir o vigor elogioso.

Diz ainda o mesmo tradutor e crítico norte-americano que o pessimismo dêesses poemas se esquece ou perdoa na admiração da sua perfeita simetria, e da riqueza e elevação das imagens. E acrescenta: «Será preciso procurar muito, até se poder encontrar um libelo contra a Criação mais impressionante do que o *Hino da Manhã*; e aos *Cativos* já alguém chamou *uma sonata de Beethoven em palavras, um dos mais sublimes poemas jámais criados pelo scepticismo moderno.*»

A evocação do nome de Antero de Quental é sempre oportuna, porque êle é, sem dúvida nenhuma um dos poucos verdadeiros grandes poetas que Portugal tem produzido, entendendo por *grandes poetas*, como deve ser, aqueles que magnificamente conseguiram exprimir sentimentos universais, ou interpretar as tendências ou incertezas da sua época. Neste sentido poderá talvez dizer-se que êle não foi ainda estudado e apreciado por nós próprios tanto como merece; e deve agradecer-se ao dr. Joaquim de Carvalho, como alto serviço não só literário, mas também nacional ou cívico, a publicação do seu recente e excelente

estudo sobre a gênese das ideias filosóficas do insigne autor dos sonetos.

Mas o mundo—o mundo de hoje, aquele em que estamos vivendo ou morrendo nós, os mais idosos, os que herdamos e ainda conhecemos outro mundo bem diferente—atravessa um período de incerteza intelectual e moral muito mais grave do que aquele em que Antero de Quental sentiu, e cristalizou em formas imortais, a tragédia do destino humano.

No seu tempo ainda se acreditava no progresso indefinido, na perfectibilidade humana, na verdade científica e na solidez da moral prática. Era pouco, de-certo, para uma alma sedenta de perfeição absoluta; mas era mais, em todo o caso, do que as escoras espirituais de que hoje dispõem aqueles que se contentariam com menos.

Antero é um dos precursores máximos do negro pessimismo actual. O seu agudíssimo pensamento fêz de antemão a autópsia das ideias e amparos intelectuais humanos que só muito depois da sua morte se reduziram a cadáveres. A dor que êle sofreu, só ou quasi só (porque os seus olhos penetravam tôda a espessura do tecido das nossas ilusões), está hoje repartida por muitos; e é nessa e só nessa que poderão gerar-se, para benefício dos homens futuros, as novas fés, as novas esperanças e os novos ideais.

O pessimismo dos grandes é ótimo, porque não há outro remédio senão êsse para o péssimo optimismo dos pequenos. Não é com êste, por certo, que se adubam e fertilizam as revoluções profundas, as religiões construtivas, as reformas e os progressos morais.

Aliás foi Antero (segundo a definição de Sousa Martins que lhe escreveu a nosografia) *pessimista* quanto ao mundo real, e *optimista* quanto ao mundo ideal. Viveu os seus últimos dias na neurastenia inibitória, e acabou no suicídio; mas nem por isso a sua vida deixou de ser lição afirmativa de vontade, de bondade, e até de santidade.

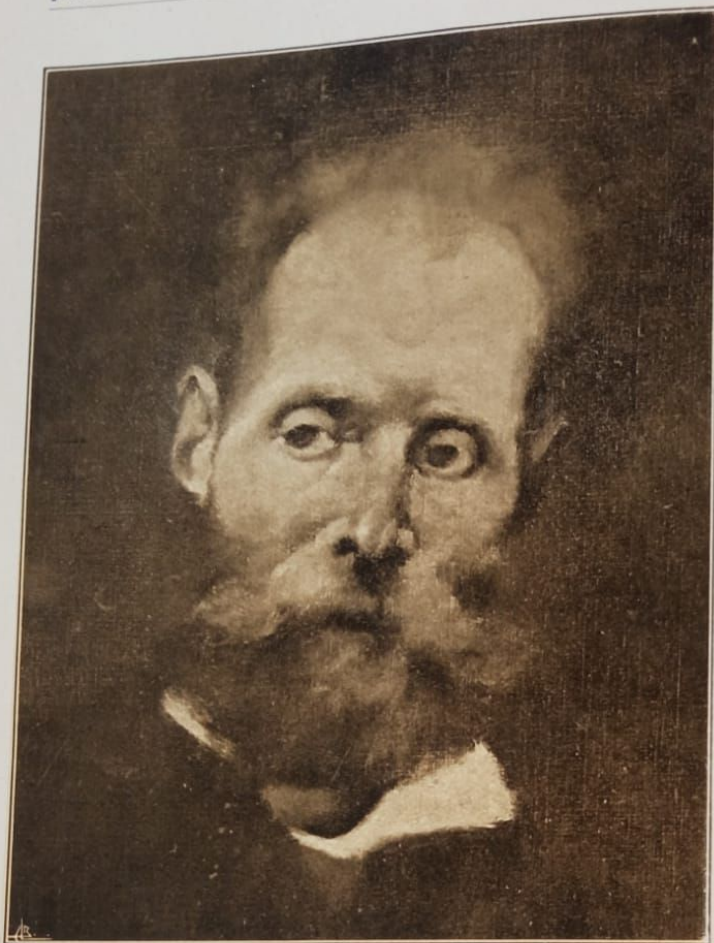
Muito novo ainda, e desde os tempos de estudante em Coimbra, física e intelectualmente perfeito, Antero de Quental fôra um chefe. Como tal o consideraram e veneraram os primeiros da sua geração—Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós. Atacou a autoridade universitária e provocou Deus, intimando-o uma vez, de relógio em punho, a fulminá-lo com um raio no prazo de cinco minutos, «no caso de existir». Ao mesmo tempo que escrevia os seus sonetos mais negativos e lúgubres, dos vinte aos trinta anos de idade, mergulhava batalhadoramente na acção e fêz-se o porta-estandarte de tôdas as revoluções do seu tempo. Dirigiu a renovação literária, acometendo de frente os pontífices do último classicismo e do último romantismo; e organizou a revolução social, dando o exemplo de prègar pelo exemplo. Aristocrata de nascimento e educação, *primus inter pares* pela inteligência, parte para Paris aos vinte e quatro anos, em 1886, e humildemente se alista e trabalha como tipógrafo numa das imprensas da grande capital, para se aproximar do povo operário e sentir com o próprio coração



Cliche foto. de A. Rebelo Valente

SANTO ANTÔNIO DA CASTANHEIRA
— Pormenor decorativo na capela de D. João II

as suas misérias e ansiedades. Em Paris adquire a doença nervosa que depois o afligirá tôda a vida; regressando a Portugal e à sua ilha, continua depois de um breve descanso a vida de actividade social e política. Em 1868, durante a revolução em Espanha, prepara-se para instalar-se em Madrid e defender ali mesmo a união geral e federativa da Ibéria. Malgrado êste intento,



ANTERO DE QUENTAL

viaja pelos Estados Unidos, e volta para atacar em Portugal a organização política vigente. Além de poeta, continua a ser orador, jornalista, panfletário rebelde; e organiza em Lisboa, em Coimbra e no Pôrto as sociedades operárias, primeiro núcleo importante do partido socialista português. Em 1874 agrava-se-lhe a doença nervosa, que não cede a nenhum tratamento, nem mesmo ao que lhe indicou em Paris três anos depois o grande neurologista Charcot. Em 1877 morre o seu amigo Germano Meireles, que deixa viúva e duas filhas menores em más circunstâncias materiais. Antero toma conta destas e a elas se dedica inteiramente como pai adoptivo. De 1880 a 1890 escreve os seus últimos sonetos, onde o sarcasmo e satanismo dos períodos anteriores se adoça em ironia transcendente ou se acalma no búdico nirvana; põe em ordem de bela prosa expositiva o resumo das suas concepções filosóficas; e por último, depois do *ultimatum* inglês de 11 de Janeiro de 1890, vão buscá-lo para o pôr à frente do grande movimento patriótico dessa época, início das primeiras fortes agitações republicanas que responsabilizaram

de tôdas as decepções e dificuldades nacionais a dinastia de Bragança. É possível que aquele fogacho de energia cívica nacional, rapidamente extinto, houvesse contribuído para desfechar a pistola com que Antero se matou, logo no ano seguinte, metendo duas balas na bôca. Mas esse doente genial, essa alma de santo, esse cérebro mártir, essa alma si próprio, na sua infinita sêde de perfeição espiritual e moral, todos os impulsos capazes de o levarem, em qualquer momento da vida, a emigrar da vida imperfeita. E o seu exemplo é tónico, porque nos impõe a obrigação de alargar e elevar moralmente o mundo, para que nêle caibam algum dia, sem se dobrarem nem explodirem, as almas como a de Antero, os mais nobres tipos desta nossa imperfeita espécie humana.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

BORDADOS GÓTICOS E DA RENASCENÇA EM PORTUGAL

III GUIMARÃES

(Continuado do n.º 40)

NA lateral norte do edifício da Colegiada de Guimarães—precisamente no local onde hoje se acha levantada a casa que foi residência dos seus antigos sacristães-mores—construiu-se na segunda metade do século XIV, em satisfação da verba testamentária de Estêvão Vasques, lavrada num testamento datado de 7 de Outubro de 1371, uma capela dedicada ao mártir Santo Estêvão. Este pequeno edifício religioso, que se achava isolado do corpo do então templo românico da Colegiada, media quatro varas e meia de comprimento por três e duas terças de largura, com grades de ferro forjado na portada, e encerrando, unicamente, o altar privilegiado do orago. Conservada a capela pela viúva de Estêvão Vasques—de nome Florença Anes—designou esta, por testamento assinado em 2 de Novembro de 1383, administrador das herdades pertencentes a esta capela a seu sobrinho Martim Gonçalves, abade em S. Clemente de Sande do mesmo concelho, com a obrigação de satisfazer, anualmente, pelo respectivo rendimento, vários legados pios e civis, entre os quais um de «... dez libras para casamento de moça parenta.» Em Dezembro de 1498, porém,

a capela
çada no
condição
transita
3 de Ag
de Salda
giada, c
aos seus

Os p
essa cap
bens da
D. Man
período

Já c
que enc
porada

— «
noel) qu
reino es
namente
mil & o
noue fa
orname
mandou
depois
esmolla

Adi
refere,
rei Ven
seu gu
peças,
total
deram
roupõe
borcad
isso se

O
cientes
param
tudo p
dalmã
de que
uma p
de ver
circun
adiante
Alberg
zadas
espéci
ouro n
veludo
o mot
tradiça

(Co

(1)
-mores
tada o